

IX Encuentro Nacional y III Congreso Internacional de Historia Oral de la República  
Argentina

*“Los usos de la Memoria y la Historia Oral”*

**Construindo a memória urbana de Santa Maria/RS, Brasil,  
através da metodologia da História oral**

Silvana Grunewaldt

55 32209224

silvanagrunewaldt@smail.ufsm.br

Tales Henrique Albarello

55 8129 0989

taleshst@yahoo.com.br

Universidade Federal de Santa Maria  
Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

O trabalho pretende apresentar o resultado das pesquisas que são realizadas na cidade de Santa Maria com o objetivo de compreender o processo de formação de áreas urbanas irregulares na cidade, bem como descrever esses territórios e suas práticas sociais a partir do resgate de sua história com o auxílio da metodologia da História oral. Nesse intento, procuramos resgatar a história de dois processos de formação dessas áreas: um que são as ocupações clandestinas, mas também os processos referentes a deslocamentos urbanos patrocinados pelo poder público.

Uma das importâncias da utilização da metodologia da História oral em nosso trabalho é que ela representa “... um ponto de contato e intercâmbio entre a história e as demais ciências sociais e do comportamento, especialmente a antropologia, a sociologia e a psicologia” <sup>1</sup>. Através dos relatos das pessoas, podemos compreender e resgatar os seus medos, as suas afiliações, enfim, podemos captar muito mais

---

<sup>1</sup> Lozano, Jorge Eduardo Aceves, “Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea”, In: Ferreira, Marieta de Moraes, Amado, Janaína. *Usos e abusos da História oral*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 15-25. P.19

informações que um documento escrito, abstrato, pode nos passar.

A cidade de Santa Maria está localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A cidade possui em torno de 280 mil habitantes, e tem problemas urbanísticos expressivos para o seu tamanho. A cidade teve um grande crescimento a partir da década de 1960, ligados principalmente ao êxodo rural pós Segunda Guerra Mundial e a criação da Universidade Federal de Santa Maria. Hoje, em torno de 30% dos cidadãos santa-marienses vivem em áreas ilegais, sejam elas encostas de rios, áreas ocupadas ou ainda ocupando imóveis sem as devidas condições de uso. Nosso trabalho versará sobre duas dessas áreas: a ocupação da Fazenda Nova Santa Marta e o reordenamento urbano que levou a criação da Vila Renascença.

O problema de falta de moradias é amplo. Não podemos esquecer que a casa é uma mercadoria, a qual está ligada a vários fatos do mundo capitalista. O primeiro deles que é um bem vinculado a propriedade da terra, hoje onerosa em espaço urbano com infraestrutura de qualidade. Outro problema é se tratar de um bem que demorará a retornar em seu valor ao empresário que nela aplicar seus lucros, pois o pagamento é feito, normalmente, em parcelas que diminuem o interesse dos empresários em investir nesse mercado. Assim, a responsabilidade por construir casas é repassada em parte ou totalmente ao Estado, que no caso brasileiro é ineficiente nesse processo e não amplia os programas habitacionais na quantidade necessária. Assim, a população pobre tem que construir sua casa como pode. O principal meio é através dos chamados “mutirões”, onde as pessoas se reúnem e constroem as casas umas das outras<sup>2</sup>. Esse tipo de construção leva a formação da periferia ou a área suburbana, subequipada – e por isso com terrenos baratos – formada a partir de loteamentos ilegais e casas construídas por ajuda mútua [que] já é, nos anos [19]50, a forma predominante de moradia das camadas populares na maioria das grandes cidades do Brasil. A partir dos anos [19]70 ela predomina na maioria das cidades do país, inclusive em muitas cidades pequenas. A outra forma de sub-habitação que começa a crescer como nunca é a favela<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> VILLAÇA, Flávio. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação**. São Paulo: Global, 1986.

<sup>3</sup> Idem. P. 57

Essas favelas, que em Santa Maria são popularmente chamadas de invasões, são construídas em áreas ocupadas, ou seja, locais em que não havia moradores que as pessoas apossam-se e não detem a escritura dos terrenos das casas, vivendo ilegalmente do ponto de vista da regulamentação estatal. Passando a conviver com esse problema, hoje em Santa Maria existem mais de 25 áreas documentadas de ocupações urbanas. Uma delas é a Fazenda Nova Santa Marta.

### **A Santa Marta**

A ocupação da Fazenda Nova Santa Marta ocorreu no dia 7 de dezembro de 1991, como nos relata uma das organizadoras do movimento, Sandra Feltrin. Ela que já nesse momento era advogada e ligada a movimentos de lutas sociais, tendo sido em 2008 candidata a Prefeitura Municipal de Santa Maria. Essa foi a primeira ocupação realizada organizadamente na cidade, visto ter a participação do núcleo do Movimento Nacional de Luta pela Moradia, este fundado a nível nacional no ano anterior. O MNLN surgiu em Santa Maria a partir da Articulação Nacional do Solo Urbano, a ANSUR, um grupo formado por engenheiros e arquitetos atuante durante a década de 1980 e 1990 na luta pela melhor distribuição do solo urbano.

Através dos entrevistados, notamos que houve toda uma articulação de movimentos sociais em Santa Maria, envolvendo inclusive setores mais progressistas da Igreja Católica. Esses movimentos, liderados, entre outras pessoas, pela entrevistada, realizaram várias plenárias nas vilas e bairros de Santa Maria conversando com pessoas que não possuíam moradias e articulando o movimento através deles. Ficou acordado que a área a ser ocupada seria a da Fazenda Nova Santa Marta, a qual havia sido desapropriada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul e deveria ser utilizada para a construção de casas populares. A extinta Companhia de Habitação do Estado, responsável por criar núcleos habitacionais para pessoas de baixa renda loteou uma pequena área somente.

Usando como ponto de concentração a Igreja São João Evangelista, localizada na Vila Caramelo e distante quarenta minutos de caminhada até o local escolhido, a partir da 1 hora da manhã passaram a se deslocar até o local. Na noite da referida data, foi realizada a ocupação de um pequeno local com trinta famílias. Através da metodologia da História oral, podemos perceber o temor das pessoas de que as autoridades descobrissem o que estava se passando. Essas autoridades, que nas palavras do Padre Carlos, que até hoje vive na Igreja São João Evangelista,

“zela pelo bem comum de meia dúzia, e não das maiorias sem ‘casa’”<sup>4</sup>, pudessem interromper a movimentação das pessoas. Sandra esclarece que

nós sabíamos que tinha que ser uma área pública, por que a área pública é mais fácil de tu negociá, quer dizer, do que uma área privada, quer dizer na área privada não tem negócio, né? Quer dizer, tu, tu entra, o cara entra com a ação de reintegração de posse, e não tem como negociar, compreendeu? O cara quer a terra de volta. Agora, uma, uma ocupação pública, em terra pública a situação é diferente, tu tem mais, mais espaço pra negociação, né?<sup>5</sup>

Com a área definida, a ocupação foi realizada naquela madrugada. Logo no início do dia 08, a Brigada Militar cercou o local, e o clima passou a ficar tenso, já que os ocupantes temeram uma ação violenta da polícia. Fátima, que participou desse primeiro movimento, nos relata que “e a gente foi se empolgando, pois a gente não acreditava muito, a gente tinha medo da policia. Eu tinha medo da policia. [Porque?] E a gente ia vim ali com as criança, e depois? A gente tinha medo sim”.

A área ocupada não foi dividida entre os ocupantes, já que o objetivo da do movimento era negociar com o Governo estadual a construção de moradias através da COHAB. Essas pessoas viveram mais de nove meses dentro de barracas de lona, tendo somente uma torneira para as necessidades de todas as pessoas, as quais ao final desse tempo totalizavam em torno de 4000 pessoas. Através da História oral, podemos perceber as dificuldades, as intempéries. Nos primeiros meses, no Rio Grande do Sul que está localizado na zona subtropical do hemisfério sul, era verão, sendo que a partir do momento que começou a esfriar, por volta do mês de abril, a situação piorou. Isso devido aos ocupantes disporem somente de lonas para a proteção e a construção de moradias precárias e poucas roupas e cobertores, que não eram suficientes para passar um inverno rigoroso como foi o de 1992.

Em reuniões realizadas junto ao Governo estadual, ficou decidido pela construção imediata de somente 260 casas, nas quais somente 25% dos ocupantes

---

<sup>4</sup> Sandra Feltrin, mais de 40 anos, líder do Movimento Nacional de Luta pela Moradia em Santa Maria, Santa Maria, 12 de abril de 2008.

<sup>5</sup> Fatima Silva, mais de 40 anos, residente da Fazenda Nova Santa Marta, 11 de outubro de 2008.

poderiam morar. Essa ocupação inicial, levou a criação de um conglomerado de vilas habitado por mais de vinte mil pessoas atualmente. A história dessa população sempre esteve ligada a lutas por melhores condições de vida. Hoje, a área está recebendo investimentos estatais que estão possibilitando uma melhora significativa em sua qualidade de vida.

## **A Renascença**

Santa Maria já sofria com o problema da moradia urbana decorrente das faltas de políticas para a criação de moradias. Várias foram às mudanças implementadas. Uma delas foi o deslocamento das denominadas Vila das Pulgas e Vila das Latas, local habitado principalmente por catadores de materiais recicláveis, para outro local mais afastado do centro, para dar lugar a uma larga avenida. Essa que passa em frente a um quartel do Exército Brasileiro, já existente no momento do deslocamento.

A história da antiga Vila Caranguejo retrata bem essa realidade. O nome da vila foi mudado em razão da solicitação do Bispo Ivo Loschertier, pois, segundo ele, o nome Caranguejo dá a noção de atraso, de andar para trás, de volta. E isso não poderia continuar, já que a vila era de grande importância<sup>6</sup>. A mudança de nome ocorreu em 1975, sendo que não conseguimos precisar ainda o ano de surgimento da vila, já que se tratava de uma ocupação irregular. Essa vila que estava localizada às margens da Rodovia BR 158, também conhecida como Faixa de São Pedro, com intenso movimento de veículos. Como nos relata Dona Maria do Carmo “no tempo da Caranguejo era todo mundo na rua, cada um de um lado da rua, tinha um bequinho na rua, era rua de chão, que passava no meio das duas vilas, que era uma quadra de casa de cada lado, toda a beirada da faixa<sup>7</sup>”.

A partir do ano de 1985, a já Vila Renascença passou a contar com uma Associação Comunitária, a qual através de trabalhos de conscientização da população e do embate de seus membros com o Poder Público passou a pleitear um novo espaço para aquela comunidade. Seu Adelmo nos relata esse processo dizendo que

---

<sup>6</sup> Câmara de Vereadores de Santa Maria, *Projeto de Lei nº 2365, de 16 de outubro de 1975, de autoria do Poder Legislativo.*

<sup>7</sup> Maria do Carmo, mais de 40 anos, residente da Vila Renascença, Santa Maria, 10 de outubro de 2008.

... naquela época o movimento comunitário era muito forte. Então, a gente começou a reivindicar e fomos pressionando o Poder Público. E, então foi comprada essa área e levou mais uns quatro ou cinco anos pra que a Prefeitura nos entregasse a vila com as ruas e os lotes já urbanizado. Então a gente começou a fazer um trabalho de remoção das famílias, de reassentamento, onde nós encontramos uma grande resistência dos moradores lá de cima da faixa pois não achavam conveniente vir morar pra lá já que já tinham água, luz em suas casinhas<sup>8</sup>.

Seu relato nos mostra que a transferência das famílias não era um ato fácil, mas sim que teve de ser feita toda uma negociação para que as pessoas se convencessem que era melhor deixar de morar próximo a uma estrada sem endereço e com pouca infraestrutura, para ir morar em um local perto desse, onde houvessem terrenos divididos e uma infraestrutura mais adequada.

Hoje, a Vila Renascença também está sendo beneficiada por obras estatais, sendo que a vila conta com escola, coleta de lixo, água encanada e luz elétrica para todos os moradores, e o asfaltamento e a instalação da rede de esgoto está sendo feita. Tudo isso fruto da luta dessa comunidade, que nunca parou de brigar por melhores condições de vida, e hoje colhe os frutos desse movimento.

### **Para encerrar**

Através dessa pesquisa, podemos dar voz as pessoas que a dita “História oficial” não contempla, mesmo hoje com tantas pesquisas históricas, trabalhar com esse grupo de pessoas é visto ainda com resistências pela academia.

### **Referências Bibliográficas:**

---

<sup>8</sup> Adelmo de Souza, 56 anos, residente da Vila Renascença, Santa Maria, 10 de outubro de 2008.

Adelmo de Souza, 56 anos, residente da Vila Renascença, Santa Maria, 10 de outubro de 2008.

Alberti, Verena, *Manual de História Oral*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2005.

Botega, Leonardo da Rocha. *Ocupação da Fazenda Santa Marta em Santa Maria - RS (1991-1993)*, Monografia (Especialização em História do Brasil), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

Câmara de Vereadores de Santa Maria, *Projeto de Lei nº 2365, de 16 de outubro de 1975, de autoria do Poder Legislativo*.

Fatima Silva, mais de 40 anos, residente da Fazenda Nova Santa Marta, 11 de outubro de 2008.

Lozano, Jorge Eduardo Aceves, “Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea”, In: Ferreira, Marieta de Moraes, Amado, Janaína. *Usos e abusos da História oral*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 15-25

Maria do Carmo, mais de 40 anos, residente da Vila Renascença, Santa Maria, 10 de outubro de 2008.

Padre Carlos, mais de 50 anos, residente da Fazenda Nova Santa Marta, 11 de outubro de 2008.

Pinheiro, Alessandra do Carmo, *Levantamento e análise do processo de ocupação irregular do solo urbano nos últimos 30 anos (1970-2000) em Santa Maria – RS*, Monografia (Graduação em Geografia), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2000.

Raminelli, Ronald, “História urbana”, In. Cardoso, Ciro, Vainfas, Ronaldo (orgs), *Domínios da História*, Rio de Janeiro, Campus, 1997, p. 185 a 202.

Sandra Feltrin, mais de 40 anos, líder do Movimento Nacional de Luta pela Moradia em Santa Maria, Santa Maria, 12 de abril de 2008.

Villaça, Flávio. *O que todo cidadão precisa saber sobre habitação*. São Paulo, Global, 1986.